

“COPULE-SE”: proposta de atividades didáticas a partir do léxico do conto “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa

“COPULE-SE”: didactic
activities from the lexicon in
the short story “Os chapéus
transeuntes”, by Guimarães
Rosa

David Lopes da SILVA (UFAL)
david.ufal@palmeira.ufal.br

Recebido em: 30 de set. de 2020.
Aceito em: 11 de nov. de 2020.

SILVA, David Lopes da. “COPULE-SE”: proposta de atividades didáticas a partir do léxico do conto “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 215-235, mar. 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2122.

O maior contista da literatura brasileira é o Guimarães Rosa. E o seu melhor conto é “Os chapéus transeuntes”. (CONY, 2015, p. 341).

Resumo: O presente ensaio parte da estória “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa, que oferece o material linguístico a ser utilizado em duas possibilidades de atividades didáticas. Na primeira, é fornecida uma listagem de palavras inusuais ou neológicas encontradas no conto. Na sequência, uma outra lista (seguimos procedimento rosiano, que, como se sabe, adorava listas), agora de palavras dicionarizadas, tenta distinguir as nuances de expressões que gravitam ao redor do tema central do conto, a “soberba”, com o intuito de forçar a atenção ao detalhe e perceber que cada termo, por mais que seja aparentado a outros, é singular. A metodologia do artigo é descritiva, apresentando as duas sugestões de propostas didáticas, junto com seu material para aplicação (as listas). Já a metodologia das atividades é aberta, de acordo com o planejamento de cada professor, a partir das diretrizes expostas no artigo. O público-alvo dos

dois exercícios pode ser de discentes do Ensino Médio ou mesmo de cursos de graduação em Letras. Como resultado, espera-se que o aluno se aproxime do autor considerado “difícil” através de um viés incomum que pode suavizar esse primeiro contato. Para além disso, despertar sua criatividade linguística latente (a partir da atividade um), bem como ampliar seu vocabulário de forma sistemática (com a atividade dois).

Palavras-chave: Guimarães Rosa. “Os chapéus transeuntes”. Léxico.

Abstract: This essay stems from the story “Os chapéus transeuntes” (“The passing hats”), by Guimarães Rosa, which will provide linguistic material to be used in two possible didactic activities. In the first one, a list of unusual words or neologisms that are found in the story is provided, and their playfulness with the language might not only provoke reflections on lexicon and even on the origin of the language, but also arouse the interest of the students in getting to know better the author of that paraphernalia. In the sequence, another list (following Rosa’s procedure, known to have loved lists), now of dictionary words, tries to distinguish the nuances of expressions that gravitate around the central theme of the tale, the “pride”; that intends to direct the attention to detail and to recognize that each term, no matter how similar it seems to others, is singular. In order to unite the fields of Literature and Linguistics in a single didactic practice that encourages students to appreciate how both of them can dialogue, the aim is to develop the linguistic consciousness of the students from an especially inventive text with controversial content from the domain of Moral Philosophy. The methodology of the article is descriptive, presenting the two suggestions of didactic proposals, together with material for application (the lists); the methodology of the activities from the guidelines exposed in the article is open, according to the planning of each teacher. The target audience of the two exercises are high school students or even undergraduate students in Literature. As a result, the student is expected to approach the author considered “difficult” through an unusual perspective that can soften that first contact, expanding the vocabulary in a systematic way (with activity two) and awakening the latent linguistic creativity (from activity one).

Keywords: Guimarães Rosa. “Os chapéus transeuntes”. Lexicon.

Introdução

É bem conhecido o uso do “Jogo do Dicionário”, com suas diversas variações, em sala de aula: divididos em grupos, os alunos escolhem no dicionário palavras invulgares, estranhas, que acreditam não serem do domínio dos outros grupos. Em seguida, inventam quatro significados fictícios, para misturar com a definição correta copiada do dicionário. E assim cada grupo recebe uma relação de verbetes contendo, no caso, cinco definições para cada entrada, e caberá a ele tentar identificar as ‘verdadeiras’.

O jogo é interessante porque, além de familiarizar os alunos com o dicionário, incita à criatividade coletiva na hora de inventar as definições “falsas” (no entanto, tem seu caráter pernicioso porque pode provocar certo clima de competição):

Justificativa pedagógica [do Jogo do Dicionário]: Propicia a interação. É um jogo em que é necessário escrever algo que pareça verdadeiro sem sê-lo o que leva a um sofisticado e profundo desenvolvimento de estruturas de linguagem. Não se busca com este jogo o aumento de vocabulário sofisticado, ainda que isto não seja desprezível, já que a maior parte das palavras que se seleciona para o jogo são termos de uso muito raro podendo na realidade ser classificados como “cultura inútil” ou pelo menos “pouco útil”. O grande ganho que advém deste jogo é sem dúvida o exercício de escrever com o estilo de um dicionarista. (TORNAGHI, 1995, p. 75, grifo do autor)¹.

Sabendo que “o maior desafio da didática da neologia é a questão do método” (CAMBUTA, 2019, p. 42), propomos aqui, primeiramente, uma variante do jogo, a partir de coleção de palavras e expressões recolhidas no conto “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa (1976)², que pode ensejar práticas linguageiras lúdicas com os educandos e, além disso, apresentá-los ao universo desse escritor singularíssimo. A seguir, para a segunda atividade, será dada uma série de vocábulos dicionarizados que circundam o tema principal da estória (a soberba), e, ao lado, separadamente, misturadas, definições do **Houaiss** a serem ligadas às palavras da lista. O objetivo, nessa segunda atividade, é perceber as nuances e sutilezas de palavras de significado próximo umas das outras.

Guimaraes Rosa, “Os chapéus transeuntes” e o léxico

Existem alguns ‘dicionários de Guimarães Rosa’ que tentam lidar com a exuberância linguística do autor, desde o **Universo e vocabulário do Grande Sertão**, de Nei Leandro de Castro (1ª. ed. 1970), ao esforço hercúleo de Nilce Sant’Anna Martins, no **Léxico de Guimarães Rosa** (1ª. ed. 2001; 2ª. ed 2008), passando pelo ignoto **Dicionário do Grande Sertão**, de Petrônio Braz (2013)³.

Optamos por não recorrer, de início, a nenhum dos glossários existentes a fim de manter a liberdade criativa e a sensação de assombro diante da potência da sensibilidade linguística de Rosa. São os

¹ Para um exemplo concreto de algumas rodadas de jogo, cf. a descrição em Silva (2004). Cf. tb. Henriques (2018, p. xiii) e Gomes; Diniz (2017). Para duas outras estratégias que aliam jogo e educação (RPG e “Gincana”), v. Silva (2009).

² Doravante OCT. O conto, publicado em volume coletivo sobre os sete pecados capitais em 1964, foi incorporado ao livro do autor mineiro **Estas estórias**, em 1969; aqui utilizamos a segunda edição dessa obra póstuma de Rosa, de 1976.

³ Disponível apenas na Internet, em <http://docplayer.com.br/30047833-Dicionario-do-grande-sertao.html>. Para uma comparação entre Castro (1970) e Martins, N., (2008), cf. Pereira (2012, p. 61-75).

significados desses termos da primeira lista que deverão ser ‘inventados’ pelos alunos, conforme inclusive o próprio autor pedira⁴. Por outro lado, desta presente lista não exaustiva (computamos, ao todo, mais de duas centenas de jogos de palavras e trocadilhos no conto, alguns dos quais não couberam nos limites deste artigo, por variados motivos), OCT tem, registrados no **Léxico de Guimarães Rosa** (MARTINS, N., 2008), segundo contagem nossa, aproximadamente 62 neologismos, ao lado de mais 91 entradas de vocábulos já dicionarizados (p.ex., no **Houaiss**). Dividindo esse total pela quantidade de páginas do conto, chega-se à média de 4,93 palavras por página (da edição de 1976) que tiveram de ser definidas em Martins, N. (2008) (Cf. SILVA, 2017/2018, p. 256, nota 20)⁵. Proporcionalmente, dos nove contos de **Estas estórias**, OCT é aquele que possui o maior número de verbetes no **Léxico** (MARTINS, N., 2008), mais até do que o celebrado “Meu tio o Iauaretê”⁶. E, apesar do esmero linguístico e de ser o último conto mais longo que Rosa publicou em vida – do tamanho dos de **Sagarana** em uma época na qual se primava pela concisão –, é uma das estórias do autor que menos angariou atenção da crítica especializada (o que estranhamos em Silva, 2017/2018; 2020)⁷.

⁴ “O crítico deve “completar junto com o autor um determinado livro”, tornando a crítica literária, assim “produtiva e coprodutiva”, “um diálogo entre o intérprete e o autor, uma conversa entre iguais” (ROSA; LORENZ, 1994, p. 40).

⁵ “No inventário realizado [no **Léxico de Guimarães Rosa**] figuram cerca de 8.000 palavras, número que equivale a 1/13 ou 8,4% das 100.000 palavras do **Novo dicionário Aurélio** (1ª ed.) e a 1/38 ou 2,6% das 307.000 palavras dos doze volumes do **Grande dicionário da língua portuguesa**, de A. de Moraes Silva. Dessas 8.000 palavras, mais de trinta por cento são dadas como não dicionarizadas (ND.)” (MARTINS, N., 2008, p. xii). No entanto, como sói normal em obra de tamanha envergadura, o **Léxico** (MARTINS, N., 2008) deixa de fora alguns vocábulos, tanto neológicos como inusuais, como, p. ex: “protomédico”, “tarrabufava”, “despique”, “redingote”, “tresandante”, “crocitoso”, “obstúpidos”, “estampilhando-se”, “lutulento”, “embeleco”, “troviscado”, que pertencem aos dicionários do idioma; mas também invenções de Rosa, como “quadrangulava-se”, “retroconsciente”, “discordiosa”, “descrocodilar”, “demiurgentes”. Todas elas do conto, mas não registradas nem no **Houaiss**, nem no **Léxico** de Martins.

⁶ Cf., no entanto: “pelo fato de se utilizar um conjunto de regras morfológicas inexistentes no português, podemos concluir que Guimarães Rosa criou inúmeros itens lexicais em sua obra que não podem ser caracterizados como vocábulos da língua portuguesa” (ROCHA, 1998, p. 98).

⁷ Basta confrontar-se esta informação com a epígrafe de nosso trabalho, p.ex., para vislumbrar como esse fato é espantoso. Em Silva (2020), aventamos um possível tabu dos rosianos perante o conto (devido a sua temática) como explicação para o problema.

Entre a “insolência polida” e a “petulância grosseira”

As brincadeiras com a língua que Guimarães Rosa⁸, reconhecido leitor de dicionários, faz podem ser aproximadas daquilo que Aristóteles, na **Retórica**, definiu como “gracejos”: “o gracejo [*eutrapelía*]⁹ é uma espécie de *insolência polida* [*hýbris pepaideuméne*]” (ARISTÓTELES, 1994, p. 251, grifo nosso)¹⁰. Isso é bem entrevisto quando observamos o principal bordão do protagonista Vovô Barão, encarnação da soberba em OCT: ele manda “copule-se!”, e, assim, diz o narrador, “se passa o palavrão a aristocrático” (ROSA, 1976, p. 47), ou seja, uma insolência mais polida do que a expressão da qual derivou, trazendo inclusive humor ao conto¹¹.

Aliás, sobre “insolência” e “neologia”, Guimarães Rosa escreve, no prefácio “Hipotrérico”, todo sobre a criação de palavras¹², um dos primeiros textos de **Tutameia** a vir a público (em 1961):

À neologia, emprego de palavras novas, chamava Cícero “*verborum insolentia*”. Originariamente, *insolentia* designaria apenas: singularidade, coisa ou atitude desacostumada, insólita; mas como a novidade sempre agride, daí sua evolução semântica, para: arrogância, atrevimento, atitude desaforada, petulância grosseira. (ROSA, 1968, p. 68, grifo nosso)¹³.

⁸ Cf.: “a pesquisa nos dicionários, que, sabe-se, marcou o ofício de Rosa como escritor” (MARTINS, H., 2014, p. 79). Não é à toa que, na décima edição (1963) do Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa, seu autor Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira agradece a contribuição, em primeira instância, a João Guimarães Rosa (FERREIRA, 1963, p. XV). Walnice Galvão já o nota desde a nona edição, de 1951 (GALVÃO, 1972, p. 73, nota 97).

⁹ “*Disposition a plaiser agréablement, plaiserie aimable et spirituelle, enjouement [...] rare en mauv. part, plaiserie grossière*” (BAILLY, 1935, p. 859). Existe a palavra (“eutrapelia”) em português, significando “modo de gracejar sem ofender; zombaria inocente” (**Houaiss**), ou “jocosidade inofensiva, delicada; maneira chistosa de zombar” (**Aurélio**).

¹⁰ ARISTÓTELES, **Retórica**, II, 12, 16. A edição inglesa traduz: “*wit is cultured insolence*”. Ou seja, ainda que, nesse passo, falando especificamente do “caráter [êthos] dos jovens”, esses “gracejos” com a língua estão no âmbito da *hýbris* “educada” (particípio perfeito de *paideuo*, o mesmo radical de *paideia*).

¹¹ Com o chiste, “o real não é visto de forma ultrajosa e agressiva. O que o léxico aqui apresenta como criatividade cômica, desvela, na verdade, uma realidade ofensiva. Há quem diga que esta é a melhor forma de ‘tocar na ferida’, no ‘calcanhar de Aquiles’ das pessoas: reverter uma situação ou algo embaraçoso em humor” (CARMO, 2016, p. 64).

¹² Sobre esse prefácio, cf. Silva (2011, p. 101-105).

¹³ Cf., escrevendo sobre a língua húngara, no prefácio “Pequena palavra”: “Praticamente ilimitada é a criação de neologismos, o *verbum confingere*” (ROSA, 1958, p. xxiv). Sobre a “petulância grosseira” como uma das rubricas do nome de Guimarães Rosa em **Tutameia**, cf. Silva (2011). Cf.: “há uma resistência coletiva a toda inovação linguística” (ALVES, 2004, p. 11). E: “Una invención supone siempre alguna ilegalidade” (DERRIDA, 1987, p. 49, que também comenta o passo de Cícero).

Isto é, Rosa era consciente da aproximação da prática linguística que lhe era mais cara a tais características negativas, por ele mesmo elencadas. No entanto, também, cremos que utilizar neologismos como ponto de partida para um trabalho didático justifica-se porque “No texto, onde ocorre a *mot-valise*, o leitor é convidado pela própria mensagem a decifrá-la, ele é então alçado à condição de coautor do texto” (NASCIMENTO, 1996, p. 155).

E, além disso,

O processo de aprendizagem da neologia requer investigação contínua e criatividade quer para os professores quer para os alunos. Assim, é importante que o docente crie nos alunos a consciência clara de que a criatividade é um fator fundamental e elementar para a aprendizagem quer do léxico em geral quer da neologia (CAMBUTA, 2019, p. 41).

Primeira atividade prática: as “bobaginhas” em “Os chapéus transeuntes”

Para a primeira atividade didática, apresentamos uma lista de “bobaginhas” de Rosa¹⁴ no decurso do conto OCT, boa parte neológicas¹⁵. Estão aqui organizadas pela ordem em que aparecem na estória, descontextualizadas¹⁶ e classificadas em seis categorias¹⁷. Quando menos, sirvam como “glórias de empréstimo”, como diria o cronista Machado de Assis, que tornam o artigo mais saboroso a partir da criatividade alheia.

¹⁴ Faz parte do anedotário comum em torno a Guimarães Rosa a explicação que o escritor deu em carta a seu tradutor italiano sobre o nome do personagem Moimeichego (de “Cara-de-Bronze”): é composto por “moi, me, ich, ego (representa ‘eu’, o autor)”. Na mesma carta, chama esse tipo de gracejo com a língua de suas “bobaginhas” (JGR, Carta de 25/11/1963. In ROSA, 2003, p. 95).

¹⁵ Foram considerados neológicos os vocábulos que não constam do **Houaiss**.

¹⁶ Reconhecemos que “comumente” “no estudo que se faz do léxico na maioria das escolas [...] as palavras, em seus sentidos, são vistas fora do texto, isoladamente, em listas de palavras ou em dupla de frases”, resultando em estudos “reduzidos e simplistas” (ANTUNES, 2012, p. 40-41). No entanto, em nosso caso, reencontraremos essas mesmas palavras da lista, e lembraremos dos significados que lhes foram atribuídos por nós nessa primeira parte da atividade, quando finalmente trabalharmos, com os alunos, o conto de Rosa por inteiro, aí então estando elas em seus contextos. Para uma lista de palavras que “não constavam nos dicionários da língua portuguesa algumas décadas atrás e podem, portanto, ser qualificadas como *neologismos*”, cf. Ilari (2002, p. 101-102, grifo do autor).

¹⁷ Embora duas categorias da classificação abaixo sejam simplificações dos “neologismos formais” (apenas a primeira categoria apresentada em tipologia de Cabré Castellví (2006)) – os itens (de nossa classificação) 3 (neologismos por afixação), englobando os subitens de Cabré Castellví (2006, p. 232) “a” (“por sufijación”), “b” (“por prefijación”), “c” (“por prefijación o sufijación”), “f” (“por lexicalización”), “g” (“por conversión sintáctica”); e 4 (neologismos com mais de um radical), agrupando os subitens “d” (“por composición”) e “e” (“por composición culta”) –, por mais, portanto, que tal classificação esteja assim embasada em tipologias preexistentes, parte ela de teoria retirada de maneira imanente e do texto rosiano, isto é, criada em específico para os vocábulos constantes *no conto*.

- 1 – paronomásias¹⁸ e jogos de linguagem
- 2 – desconstrução de frases feitas
- 3 – neologismos por afixação¹⁹
- 4 – neologismos com mais de um radical
- 5 – metáforas e comparações insólitas
- 6 – palavras dicionarizadas mas inusuais

- i. tácio turno (1)
- ii. antroso (3)
- iii. destemperatura (4)
- iv. concerimoniantes (3)
- v. sorrelfatário (4)
- vi. tramoísta (3)
- vii. melhorem amenos amores (1)
- viii. soberbissimice (4)
- ix. tresdireito (3)
- x. bufarfava (4)
- xi. desencontrões (3)
- xii. soldático (3)
- xiii. mosca'muscando-se (1)
- xiv. antemortalmente (3)
- xv. chatificava-se (3)
- xvi. sanefas, janelas, arandelas e donzelas (1)
- xvii. ou vice ou trice-versa (3)
- xviii. quadrangulava-se (3)
- xix. travou-se um acalorado silêncio (2)
- xx. paupérrimos pobres (1)
- xxi. estriaturas (4)
- xxii. retroconsciente (3)
- xxiii. discordiosa (3)
- xxiv. fidalgarrão (6)
- xxv. nulhufas e parapalhas
- xxvi. inexoraram-se (3)
- xxvii. retrogradava (3)

¹⁸ “[F]igura que junta palavras pela sonoridade muito parecida, mas de significado diferente” (CANDIDO, 1976, p. 185).

¹⁹ “Guimarães [Rosa] promoveu neologismos por prefixação, como ‘arreleque’ (asas abertas em forma de leque) ou ‘circuntristeza’ (tristeza circundante) e também por sufixação, resultando na originalidade ímpar de ‘suspirância’ (suspiros repetidos) e ‘coraçõmente’ (cordialmente)” (SOARES, 2018, p. 160).

- xxviii. protomédico (6)
 xxix. tarrabufava (6)
 xxx. rodamontante (3)
 xxxi. resposta finitiva (2)
 xxxii. trancou a cara a sete rugas (2)
 xxxiii. rancorajoso (ou rancordioso) (4)
 xxxiv. epitafinalmente (4)
 xxxv. despique (6)
 xxxvi. forte como ferro jogado fora (1) (5)
 xxxvii. cosmicômico (4)
 xxxviii. franzibundo (4)
 xxxix. inquietarão (3)
 xl. onipoético (3)
 xli. voz desdentadurada (3)
 xlii. Copule-se!
 xliii. ventralhão (3)
 xliv. regiportante (4)
 xlv. redingote (6)
 xlvi. deterioridade (4)
 xlvii. orgulhoma (3)
 xlviii. negleixo (4)
 xlix. outroramente (3)
 l. fidalgudo (4)
 li. tossiturno (4)
 lii. questões de quisquilhas (1)
 liii. personifício (4)
 liv. trejeitosa (4)
 lv. olhos lobislumeantes (4)
 lvi. entrequanto (3)
 lvii. rosas desrosadas em roseiras desfloridas (1)
 lviii. ar primadrinal (4)
 lix. borboletas estampilhando-se (5)
 lx. pispote (6)
 lxi. sobre-reptício (3)
 lxii. adivinhei o que ele não ia dizer (2)
 lxiii. tossiquice (3)
 lxiv. crocitoso (6)
 lxv. desfervia-se (3)
 lxvi. por frioleiras, bagatelas

- lxvii. desinsofrido orgulhamento (3)
 lxviii. claro como fogo (2)
 lxix. despedida [do VVB] longa como um texto sem tema (5)
 lxx. assaz assustava-me (1)
 lxxi. obstúpidos (4)
 lxxii. descrocodilar-se (?)
 lxxiii. esvoriço de alvoroço (1)
 lxxiv. bisbilhava-se (6)
 lxxv. subgosto (3)
 lxxvi. mortuália e lugúbria
 lxxvii. o pássaro bateu flipe e flope (1)
 lxxviii. eu queria só desfingir-me (3)
 lxxix. algozosamente (4)
 lxxx. calidoscopiado (4)
 lxxxii. urinolão (3)
 lxxxiii. zerodes (4)
 lxxxiv. descompenetrava (3)
 lxxxv. tafulona (3)
 lxxxvi. um formosurão (3)
 lxxxvii. estúrdio fripulha (4)
 lxxxviii. acendrado (6)
 lxxxix. vangraciar-me (4)
 lxxxix. ele não se monstrengaria (4)
 xc. pulverulento (6)
 xci. lutulento (6)
 xcii. horas velórias (1)
 xciii. festosidade (3)
 xciv. gloriavã (4)
 xcv. embeleco (6)
 xcvi. apoftegma (6)
 xcvii. tamanhamente (3)
 xcviii. admiracundo (4)
 xcix. tarabiscoito (4)
 c. despropério (4)
 ci. principalíssima (3)
 cii. destempéries (4)
 ciii. impertérrita (6)
 civ. troviscado (4)
 cv. bonacho (3)

- cvi. ineloquente (3)
 cvii. pluripompas (3)
 cviii. inenarrando (3)
 cix. entrequantos (3)
 cx. ociado (3)
 cxi. demiurgentes (4)
 cxii. solsombreávamo-nos (4)
 cxiii. legulegal (3)
 cxiv. treta
 cxv. intrico
 cxvi. tãoquanto (4)
 cxvii. desdourosa legenda (2)
 cxviii. des e trespintava (3)
 cxix. estuperfeito (4)
 cxx. patroneava e mestreava (3)

Múltiplos usos pode essa lista ter, em sala de aula, especialmente, no Ensino Médio, mas mesmo em uma Licenciatura em Letras. Por exemplo, como no Jogo do Dicionário a que nos referimos no começo do artigo: cada grupo de alunos escolheria cinco palavras da lista e, sem o recurso ao dicionário, inventaria uma definição para cada entrada que conseguisse o voto dos demais grupos, seja adivinhando o significado ‘correto’, seja pela criatividade²⁰ na elaboração da definição. Na segunda fase desta primeira atividade, aí sim, teremos à mão o **Léxico de Guimarães Rosa** (MARTINS, N., 2008), bem como um dicionário de língua padrão, para eventualmente elucidar as acepções já institucionalizadas²¹. Sendo a atividade no Ensino Médio, poder-se-ia elaborar um sistema de pontuação com vários critérios, p. ex., dois pontos para a explicação mais inventiva; um ponto para quem acertar o significado ‘correto’, ou pelo menos o que mais próximo dele chegar, etc.

²⁰ Cf. verbete “Criatividade”, no **Houaiss**: “capacidade que tem o falante de produzir e compreender um número imenso de enunciados, mesmo aqueles que não tinham sido por ele ouvidos ou pronunciados anteriormente (Decorre da competência linguística, que é o conhecimento intuitivo que todo falante possui dos princípios e regras da sua língua).”

²¹ Embora ainda descontextualizadas as palavras, ao menos evitamos a “imposição de glossários prontos, [...] que] direcionam a leitura, impedindo que o aluno percorra seu próprio caminho de leitura” (CENTURION; MORAES, 2013, p. 146). Notemos, além disso, que celulares e tablets conectados à Internet não serão de serventia para o estudo dos neologismos, forçando o aluno a meditar somente nas expressões da atividade.

Ainda na prática da sala de aula, paralelamente ao contato com a primeira lista de palavras de OCT, ler-se-á o prefácio “Hipotrérico”, de **Tutameia**, em que se diz que “um neologismo contunde, confunde, quase ofende” (ROSA, 1968. Ver *supra*), revelando seu aspecto de derivado da *hýbris*. A leitura individual da estória OCT pelos alunos poderá também ser feita agora, após o término da atividade, quando estiverem todos já introduzidos ao universo linguístico do autor a partir das palavras que, normalmente, à primeira vista, para muitos, são obstáculos para a fruição do texto literário²².

Segunda atividade prática: “sobre a soberba”

Persistindo com o conto OCT como fonte para o trabalho didático de Lexicologia, foi ele escrito a pedido do editor Ênio Silveira para que contemplasse o pecado mortal da “soberba”²³, no livro coletivo de 1964. Assim, como em um *tesauro*, relacionamos abaixo algumas entradas de dicionário de termos que gravitam em torno desse tema. As diferenças entre os verbetes, por vezes, são muito sutis, e tentamos sublinhar (em itálico) aquela definição que melhor pode caracterizar cada vocábulo em atrito com os outros, quase sinônimos. Perceber essa sutileza, de palavras cujos significados são muito próximos, faz-nos ter de prestar atenção a cada uma, para distingui-la das outras, e também nos aproxima da noção central (a soberba).

Outrossim, percorremos agora, na atividade prática, sentido inverso ao da primeira lista²⁴: serão dadas as significações (a partir do **Houaiss**), de um lado, e, de outro, a lista de quase sinônimos de “soberba”, para que o aluno relacione a definição ao vocábulo correspondente²⁵.

²² Cremos que o presente artigo prescinde da aplicação em caso concreto, sendo também sustentável como mera *ficção imaginária*, com docentes e discentes como personagens, a fim de alinhar a riqueza linguística ofertada pelo conto de Guimarães Rosa.

²³ O radical de “soberba” deriva do grego “*hýbris*” (Cf. ERNOUT; MEILLET, 1951, p. 1166), embora tal filiação não seja unânime entre os filólogos. É formado a partir da preposição “sobre”, e, como ela, tem basicamente dois sentidos opostos: com aspecto negativo, como substantivo, tem os significados de “arrogância, presunção, imodéstia, insolência, vaidade, vanglória” (**Houaiss**); como adjetivo, no polo positivo, pode qualificar algo que impressiona por seu caráter grandioso, magnífico, sublime. Para um maior aprofundamento da relação entre os termos, v. Silva (2020, p. 553, nota 6).

²⁴ “Quando se trata do estudo das palavras, podemos nos direcionar, de um lado, da palavra para os seus sentidos e referentes, do outro, de um significado ou conceito (ou uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o podem designar” (LISKA, 2014, p. 133).

²⁵ Exemplo: o aluno recebe duas listas, uma somente com os *definienda* (“vaidade”, “vanglória”, “presunção” etc.), e a outra com os *definientia* embaralhados, para que ligue a definição ao termo que acha que lhe corresponde. Aqui, ao contrário do Jogo do Dicionário da primeira parte

Ademais, tangenciamos Walter Benjamin, que em “A doutrina das semelhanças”, texto de 1933, escapa do território da ciência linguística, ao elaborar o conceito de “semelhança extrassensível”:

Se ordenarmos várias palavras das diferentes línguas, com a mesma significação, em torno desse significado, como seu centro, pode-se verificar como todas essas palavras, que não têm entre si a menor semelhança, são semelhantes ao significado situado no centro (BENJAMIN, 1994, p. 111)²⁶.

A diferença está em que o filósofo alemão utiliza palavras de vários idiomas com o ‘mesmo’ significado, enquanto na nossa constelação ficamos apenas com a Língua Portuguesa, cercando a “soberba”.

De início, então, vejamos o sintético suporte que Affonso Romano de Sant’Anna nos oferece:

O orgulho é a opinião vantajosa que formamos a nosso respeito. A vaidade é o nosso desejo de inspirar esta opinião aos outros. A presunção é a demasiada confiança em nós mesmos. A altivez é a isenção de toda baixaza, de toda ideia humilde. A vanglória é a jactância do próprio saber ou obrar.

O orgulho nem sempre se dá a conhecer e, algumas vezes, se disfarça com a máscara da humildade; e a soberba não se esconde, nem se peja de ostentar seu ar entonado e desdenhoso. O orgulho pode modificar-se; a soberba não sabe conter-se. A arrogância é a soberba atrevida e insolente²⁷.

Sant’Anna confessa, todavia, que tais definições foram extraídas do **Dicionário de sinônimos poéticos e epítetos da língua portuguesa**, de J. I. Roquete e José Fonseca (Porto, 1949), no qual encontrou “cinco palavras que têm sentidos correspondentes [à soberba]: *orgulho, vaidade, presunção, altivez e vanglória*.” Todavia, o **Grande dicionário português**, de Domingos Vieira (quarto volume, de 1878), apresenta, na entrada “orgulho”, verbete mais completo e com alguns parágrafos bastante parecidos:

(cf. TORNAGHI, 1995, p. 75, *supra*), pretendemos que os alunos incorporem alguns elementos a seu vocabulário.

²⁶ Continua Benjamin, ao lado de Rosa e sua “álgebra mágica” (ROSA; LORENZ, 1994, p. 54): “tal concepção é naturalmente próxima das teorias místicas ou teológicas” (BENJAMIN, 1994, p. 111). Cf.: “Sou precisamente um escritor que cultiva a ideia antiga, porém sempre moderna, de que o som e o sentido de uma palavra pertencem um ao outro. Vão juntos.” (ROSA; LORENZ, 1994, p. 52-53).

²⁷ SANT’ANNA, 2001, p. 136, grifos do autor. Cf. tb.: “San Juan de la Cruz enumera os sete males que causam mais estragos no espírito do homem. Todos são variantes da soberba: vaidade, vanglória, presunção, jactância, menosprezo, altivez, fatuidade” (MARTINEZ, 2002, p. 60).

Orgulho é uma opinião presumida de si proprio. *Soberba* é a traducção do orgulho por meio de actos e palavras exageradas. *Arrogancia* é a soberba audaz e petulante.

O *orgulho* nem sempre se manifesta, e ás vezes disfarça-se com a mascara da virtude opposta. A *soberba* não se envergonha de patentear seu ar altivo e arrogante.

O *orgulho* póde soffrer modificações. A *soberba* não é susceptível de reprimir-se.

[...]

Orgulho é a opinião vantajosa que formamos do nosso mérito. A *vaidade* é o desejo de inspirar esta opinião aos outros. A *presumpção* é a demasiada confiança em nós mesmos. A *altivez* é a isenção de toda baixeza, e de toda ideia humilde. A *vangloria* é a jactancia do proprio saber ou proceder.

O *orgulho* affecta desdenhar honras. A *vaidade* deseja-as. A *presumpção* julga-se digna d'ellas. A *altivez* não as pretende, nem recusa. A *vangloria* abusa d'ellas, quando as adquiriu.

O *orgulhoso* considera-se com suas proprias ideias, e vive contente de si mesmo. O *vaidoso* considera-se com respeito aos outros, cobiça sua estima, e deseja viver no pensamento de todos. O *presumpçoso* presume muito de si, de seus meritos, e considera-se capaz de grandes cousas, e apto para tudo. O *altivo* tem ideias elevadas, e tão pouco conhece a baixeza, se não pratica a humildade. O *vanglorioso* desvanecer-se facilmente de gloria sem fundamento, ou se vangloria de cousas que não dão verdadeira gloria. (VIEIRA, 1878, p. 582, grifos do original).

Perseveramos agora no mesmo esforço para distinguir o que, à primeira vista, parecem apenas sinônimos, compilando alguns verbetes do Dicionário (**Houaiss**)²⁸ que pertencem ao mesmo universo semântico em torno da “soberba”²⁹:

1a) *Altivez*

1. Qualidade de altivo
2. (pouco usado) altura, elevação
3. Sentimento de dignidade, brio, nobreza.
4. *Atitude de arrogância; soberba; intolerância.*

1b) *Altivo*³⁰

1. *De grande altura; elevado.*
2. Dotado de brio, de dignidade, ilustre.

²⁸ Eventualmente, os alunos poderão na aula agregar gírias e expressões populares, tais como “Tásia” (de “[ele es]tá se achando”); etc.

²⁹ Foram retirados dos *definiens* aqueles que continham o mesmo radical que o *definiendum*.

³⁰ A rigor, só podem ser sinônimas as palavras de mesma categoria gramatical. Nesta lista, trazemos substantivos e adjetivos misturados pois as definições do **Houaiss** são mais desenvolvidas ora para um, ora para o outro. Além disso, a mescla propiciará aos estudantes mais alertas uma separação preliminar dentro da lista (entre substantivos e adjetivos) que poderá gerar maior êxito na execução do exercício.

3. Que demonstra mangnanimidade, generoso, nobre.
4. Dominado pela arrogância, pela soberba, intolerante, presunçoso.
5. *(fig.) Que é altissonante, pomposo (diz-se de estilo).*

2) Arrogância

1. Qualidade ou caráter de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; orgulho ostensivo, altivez.
2. Atitude desrespeitosa e ofensiva em atos ou palavras; insolência, atrevimento, ousadia.

3) Atrevido

1. Que ou aquele que não demonstra medo ou submissão; corajoso, destemido.
2. *Que ou aquele que não demonstra o devido respeito pelos outros, esp. na maneira de falar; irreverente, insolente, malcriado.*
3. Que ou aquele que se julga melhor que os outros; presumido, petulante.

4) Bazófia

1. Vaidade exacerbada e infundada; vanglória, presunção.
2. *m.q. fanfarrice.*
3. Ensopado feito com sobras de comida.

5) Descomedido

1. Que não guarda as conveniências, sem compostura; desrespeitoso, inconveniente.
2. Sem propósito; absurdo.
3. *Imoderado, nada contido.*
4. Imprudente, desajuizado.
5. Cujo emprego de meios para obter um fim é incorreto.

6) Empáfia

1. Orgulho vão, arrogância, insolência, presunção.

7a) *Fatuidade*

1. Qualidade ou maneira de ser de quem é fátuo; presunção; vaidade.
2. Qualidade do que é fátuo, transitório.

7b) *Fátuo*

1. Muito estulto e com alta opinião de si próprio; vaidoso e oco; presunçoso.
2. Que é tolo, insensato.
3. Que permanece por pouco tempo, que é fugaz, transitório.

8) *Gabola*

1. Sinônimos, como adj. e/ou subst.: *alardeador, arrotador, bazofiador, bazófi, blasonador, bravateador, bufão, buzarate, chibante, façanheiro, fanfarrão, farfante, farofeiro, faroleiro, farsola, gabador, gabarola, gabarolas, gabolas, garganta, gascão, goela, gomeiro, imodesto, jactancioso, jactante, mentiroso, pábulo, paparreta, paparrotão, parlapatão, patarata, pavonesco, pimpão, prosa, rebolão, vaidoso, valentão, vaníloquo*; ver tb. sinonímia de *presumido*

9) *Imodéstia*

1. Opinião demasiado boa e lisonjeira sobre si mesmo; vaidade, presunção, orgulho.
2. Ausência de pudor; despudor, impudor.

10a) *Insolência*

1. Coisa insólita, fora do comum.
2. Modo estranho de proceder; inconveniência, despropósito.
3. *Falta de respeito; atrevimento, ousadia, impertinência.*
4. *Orgulho demasiado e injustificado, ofensivo aos demais; arrogância, soberba.*
5. *Desprezo, desdém.*

10b) *Insolente*

1. Que acontece raras vezes; nunca visto; insólito, incomum.
2. Desrespeitoso no que diz ou nas atitudes que toma; atrevido, malcriado, desaforado.
3. *Que não respeita as convenções sociais ou os direitos dos outros;*

audacioso, petulante, ousado, atrevido.

4. Que trata os demais como inferiores; desdenhoso, altivo, arrogante.
5. Que não tem pudor; impudente, inconveniente, imoral.

11) *Jactância*

1. *Atitude de alguém que se manifesta com arrogância e tem alta opinião de si mesmo; vaidade, orgulho, arrogância.*
2. *Pretensão de bravura ou altos méritos e conquistas; atitude de quem conta bravatas; fanfarrice.*

12) *Menosprezo*

1. *Falta de estima, apreço ou consideração; desdém; desconsideração.*
2. *Desvalorização da qualidade, da importância; depreciação; desqualificação; menoscabo.*
3. *Sentimento de repulsa; desprezo; desdém.*

13) *Orgulho*

1. *Sentimento de prazer, de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra.*
2. *Sentimento egoísta, admiração pelo próprio mérito, excesso de amor-próprio; arrogância, soberba.*
3. *Atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; vaidade, insolência.*

14) *Pedante*

1. *Que ou o que se exprime exibindo conhecimentos que não possui.*
2. *Que ou o que se expressa ostentando cultura e erudição.*

15) *Petulante*

1. *Que ou aquele que se atreve, que ousa; atrevido, insolente.*
2. *Que tem ímpeto, vivacidade.*

16) *Presunção*

1. *Suposição que se tem por verdadeira.*
2. *Opinião demasiado boa e lisonjeira sobre si mesmo.*

2.1. *Demonstração pública dessa opinião; imodéstia, pretensão, vaidade.*

3. Confiança excessiva em si mesmo; pretensão.
4. (jur.) consequência que a lei faz deduzir de certos atos ou fatos, e que fica estabelecida como verdadeira, às vezes até mesmo havendo prova em contrário.

17) *Pretensão*

1. Direito suposto ou real, reivindicado por um indivíduo, uma nação etc. (freq. us. no pl.).
2. Aquilo que se solicita ou se exige; exigência, solicitação.
3. Sentimento que incita alguém a conseguir (algo); desejo, aspiração.
4. *Desejo ambicioso e descabido; ambição.*
5. *Conceito exagerado de si mesmo; vaidade exagerada; presunção.*

18) *Sobranceiro*

1. Que está em condição superior a (outro); p.ext., que domina, sobrepuja (o outro) pela altura; elevado, proeminente.
2. *Que encara as coisas ou as pessoas com superioridade, que se percebe em estágio mais elevado.*
3. Que tem o ânimo forte para resistir aos reveses da vida.
4. Que se destaca com vantagem de outrem ou de outra coisa; que sobressai.
5. Que se presume altivo; arrogante, orgulhoso.

19) *Vaidade*

1. Qualidade do que é vão, vazio, firmado sobre aparência ilusória.
2. *Valorização que se atribui à própria aparência, ou quaisquer outras qualidades físicas ou intelectuais, fundamentada no desejo de que tais qualidades sejam reconhecidas ou admiradas pelos outros.*
3. Avaliação muito lisonjeira que alguém tem de si mesmo; fatuidade; imodéstia, presunção; vanidade.
4. Coisa insignificante, futilidade; vanidade.

20) *Vanaglória*

1. *Convencimento, nem sempre fundamentado na realidade, dos*

próprios méritos, qualidades ou talentos; vaidade, jactância, bazófia.

Considerações finais

Como muitos, a esta altura, já deverão ter lembrado, “soberba”, ao lado das acepções vistas acima, pode ser, também, o feminino do adjetivo “soberbo”, significando algo “que impressiona pelo aspecto grandioso; magnífico, sublime” (**Houaiss**). Nesse sentido, ninguém deixaria de qualificar a obra de Rosa como “soberba”³¹, além de um excelente material para ser trabalhado em sala de aula sob muitos aspectos, inclusive o linguístico, pois, como afirma Antonio Candido na primeira recepção de **Grande sertão: veredas**, hoje já um truísmo, nela “há de tudo para quem souber ler” (2002 [1957], p. 121).

Quanto à avaliação dos exercícios práticos, aventamos o seguinte para os docentes: em relação ao primeiro, partindo da releitura de “Os chapéus transeuntes”, elaborar nova lista, agora contendo as palavras e expressões *constantemente no conto* que sejam relacionadas ao tema da “soberba”; no caso do segundo, através de pesquisa nos dicionários, criar tesouro semelhante ao da “soberba” para *outro* dos pecados capitais (cada grupo elaborará um pecado diferente, a ser sorteado).

Retomando para finalizar, nessas atividades aqui propostas, pensamos, para o lado da literatura, em primeiramente executar a análise do léxico descontextualizado de um conto rosiano, acreditando que essa prática facilitará o ingresso dos alunos a autor sabidamente tão “difícil”; do ponto de vista linguístico, a torrente languageira da obra propicia variadíssimas opções para o trabalho em sala de aula, desenvolvendo a criatividade de modo lúdico e divertido. Quanto à segunda atividade, ela poderá desenvolver a consciência linguística ao atentar para as nuances dos quase sinônimos bem como aumentar o vocabulário dos discentes (além de propiciar reflexões sobre um tema controverso de Filosofia Moral).

Referências

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

³¹ Cf.: “exhibición de virtuosismo linguístico-literario como el que despliega en esta su narrativa [OCT]” (MARTÍNEZ PEREIRO, 2017, p. 345). Porém, Guimarães Rosa mesmo, agora como pessoa, confessou-se “soberbo” ao menos numa ocasião. (cf. SILVA, 2017/2018; 2020).

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ARISTOTLE. **The “art” of rhetoric**. Transl. John Henry Freese. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1935.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 108-113.

CABRÉ-CASTELLVÍ, Maria Teresa. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. **Alfa**. São Paulo, n. 50, v. 2, 2006, p. 229-250. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1421>>. Acesso em: 29 set. 2020.

CAMBUTA, J. A “didactização” da neologia do português. **Linha d’água** (Online), São Paulo, v. 32, n. 3, set.-dez. 2019, p. 25-44. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/linhadagua/article/view/159178>>. Acesso em: 29 set. 2020.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**: ensaios. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002, p. 119-139.

CANDIDO, Antonio. “Intervenção” no **Ciclo de debates do Teatro Casa-Grande**. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976, p. 184-187.

CARMO, Anderson Braga do. Considerações sobre o funcionamento chistoso dos sentidos no *Dictionnaire des mots qui n’existent pas*. **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 6, p. 46-64, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/557>>. Acesso em: 29 set. 2020.

CENTURION, Rejane; MORAES, Milena Borges de. Lexicografia e ensino: reflexões necessárias. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 131-153, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/5037>>. Acesso em: 29 set. 2020.

CONY, Carlos Heitor. Entrevista a Álvaro Costa e Silva e Paulo Roberto Pereira. **Revista da Academia Carioca de Letras**. Edição comemorativa dos 450 Anos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Batel, 2015. Disponível em: <www.academiacariocadeletras.org.br/imagens/livro.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

DERRIDA, Jacques. Psyché: invenciones del outro. Trad. Mariel Rodés de Clérico y Wellington Neira Blanco in AA. VV., **Diseminario**: la desconstrucción, otro descubrimiento de América, XYZ Editores, Montevideo, 1987, p. 49-106.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire etymologique de la langue latine**: histoire des mots. 3^a. Ed. Paris: Klincksieck, 1951.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 10^a. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio eletrônico século XXI**. Versão 3.0. Novembro de 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GOMES, Ronaldo Tavares; DINIZ, Mônica Baêta Neves Pereira. Proposta de uso de jogo lúdico para o ensino-aprendizagem de português e de espanhol em Teletandem. **Atas do V SIMELP** – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Università del Salento, 2017. p. 2995-3014. Disponível em: <<http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/18023>>. Acesso em: 29 set. 2020.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018 (Coleção Português na Prática).

HOUAISS, Antônio. **Houaiss eletrônico 3.0**. São Paulo: Objetiva, 2009 (versão digital).

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. Léxico e humor no ensino: processos formais de criação de palavras. In: SIMÕES, Darcília; OSÓRIO, Paulo (orgs.). **Léxico**: investigação e ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. p. 133-159.

MARTÍNEZ PEREIRO, Carlos Paulo. Una transacción de ojos y retratos: la soberbissimice y esta estória de “Os chapéus transeuntes”. In: RIVAS HERNÁNDEZ, Ascensión (ed.). **João Guimarães Rosa**: un exiliado del lenguaje común. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2017. p. 327-349.

MARTINEZ, Tomás Eloy. **O voo da rainha**. Trad. Sérgio Molina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Helena. O dicionário como antologia lírica, romance, autobiografia. **Letras**. Santa Maria-RS, v. 24, n. 48, p. 69-85, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/14425>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. 3ª. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S. Mots-valises: poeticidade da forma na obra de João Guimarães Rosa. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. SP, n.41, 1996. p. 147-155. Disponível em: < <http://www.journals.usp.br/rieb/article/view/73406/77147>>. Acesso em: 29 set. 2020.

PEREIRA, Ingrid de Lourdes. **Estilo e linguagem na recepção crítica de Grande sertão: veredas**. Dissertação (mestrado). UFPA, Belém, 2012.

PLAUTO. O cabo. In: PLAUTO. **Comédias**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1978.

ROCHA, Luís Carlos de Assis. Guimarães Rosa e a terceira margem da criação lexical. In: MENDES, Lauro Belchior; OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. **A astúcia das palavras**: ensaios sobre Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 81-100.

ROSA, João Guimarães. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. Os chapéus transeuntes. In: ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976 [1969]. p. 34-65.

ROSA, João Guimarães. Os chapéus transeuntes. In: SILVEIRA, Ênio (org.). **Os sete pecados capitais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 1-36.

ROSA, João Guimarães. Pequena palavra. In: RÓNAI, Paulo. **Antologia do conto húngaro**. Seleção, tradução, introdução e notas de Paulo Rónai. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. xi-xxviii.

ROSA, João Guimarães. **Tutameia – terceiras estórias**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968 [1967].

ROSA, João Guimarães; LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa em dois volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 27-61.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Orgulho. In: YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara Luchetti. **Pecados**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001. p. 132-139.

SILVA, David Lopes da. Descrição de atividades didáticas desenvolvidas junto a alunos de literatura: Gincana e RPG. **A pesquisa em Letras**. UNEAL, Palmeira dos Índios-AL, 2009.

SILVA, David Lopes da. **Enciclopédia jagunça**. Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVA, David Lopes da. Oficina de criação de texto: crônica. **Anais da II Semana Interdisciplinar de Educação**. Paripiranga-BA: Agesgraph, 2004, p. 8-14.

SILVA, David Lopes da. Um Rosa cor-de-rosa? **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 51, set./dez. 2020, p. 550-568. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/49782>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SILVA, David Lopes da. Tirando o chapéu: o capítulo de Guimarães Rosa para o livro coletivo *Os sete pecados capitais* (1964). **Cenários**, Porto Alegre, v. 2, n. 16, 2017/2018, p. 242-262. Disponível em: <<https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=cenarios&page=article&op=view&path%5B%5D=1652>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. Estilos de escrita e de pintura: uma leitura das aproximações entre as produções da literatura, da pintura e do texto. **Humanidades e inovação**, v. 5, n. 7, 2018, p. 157-167. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/767>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

TORNAGHI, Alberto. **MULEC**: multi-editor cooperativo para aprendizagem. Tese UFRJ. Disponível em: < <https://www.cos.ufrj.br/index.php/pt-BR/publicacoes-pesquisa/details/15/1546>>. Acesso em: 29 set. 2020.

VIEIRA, Domingos. **Grande dicionário português ou thesouro da língua portuguesa** (quarto volume). Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1878.